

ME CONSTRUINDO PSICÓLOGA NA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL

Karina Maximo Pavão

RESUMO: A Psicologia Histórico-Cultural tem como principal autor Vygotsky. Sua metodologia é o Materialismo Histórico-dialético e concebe o sujeito como ativo, histórico e social. Desta forma, rompe com a lógica da Psicologia Tradicional, classificatória e estigmatizante, derivada da medicina. Esta teoria é mais difundida no campo da Psicologia do Desenvolvimento, no entanto, está sendo iniciada sua aplicação no contexto clínico. O objetivo deste trabalho é narrar meu processo de formação do psicólogo na clínica histórico-cultural. Para tanto, passo a contar sobre a experiência que vivi na clínica escola da Universidade Federal de Uberlândia no estágio profissionalizante. Com este objetivo, utilizo o método narrativo, que permite uma reflexão a respeito da própria prática.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-Cultural; Psicoterapia de adulto; Pesquisa narrativa.

INTRODUÇÃO

“O que nosso olhar vem vendo? Vendo da forma que vê, o que produz?”

Saraiva (2020)

O ano de 1875 marca o início da psicologia enquanto área científica, com a criação do primeiro laboratório por Wundt e fundação dessa como disciplina formal (SCHULTZ e SCHOULTZ, 2020). A ciência da época era marcada por: método científico rigoroso, experimental, empírico e positivista, pautado na observação, determinista (SARAIVA, 2020).

Sendo assim, Saraiva (2020) discorre sobre como o olhar da psicologia, ciências humanas e de outras áreas da saúde foi estruturado a partir da criação e transformação da medicina. Como consequência, a partir desta concepção as individualidades do sujeito são desconsideradas e a doença é concebida como um acontecimento por si só.

Por sua vez, Viégas (2020) nos apresenta a Patto, que em suas duas teses denuncia um discurso individualizante presente na psicologia tradicional. Segundo a autora, esta parte do entendimento de que todos possuem a mesma oportunidade, dessa forma, trata as desigualdades sociais como diferenças individuais, desconsiderando o contexto e suas particularidades.

De encontro a isso, Kahhale e Montreozol (2019) discorrem sobre como a prática clínica da Psicologia foi desenvolvida com base nessa perspectiva médica e, sendo assim, com enfoque para os processos patológicos. Dessa forma, foi estabelecido um padrão ideal de saúde e aquilo que estivesse fora desta norma era classificado como patológico. Isso contribui para uma separação do sujeito como membro de um coletivo, contexto, e atribui essa condição de saúde-doença como algo individual.

Para além disso, Saraiva (2020) descreve sobre como o próprio termo “clínico” remete ao campo da medicina, o que denota as influências do campo nessa psicologia de forma que o enfoque muitas vezes é aquilo que está em falta. Ao desconsiderar as particularidades dos sujeitos acaba por se produzir um discurso genérico o qual engloba as pessoas independente do contexto e tem como consequência o “silenciamento de corpos” (p.61).

Em contraposição a esse olhar temos a teoria Histórico-Cultural, desenvolvida na Rússia, no início do século XX, começo da União Soviética. O principal autor da mesma é Lev Semionovich Vygotsky, mas conta também com contribuições de Luria. A teoria Histórico-Cultural tem como base o marxismo e se utiliza do materialismo histórico-dialético como método. Isso implica que compreende o indivíduo como ativo, social e histórico. Por sua vez, concebe a sociedade como produção dos homens ao longo da história e o trabalho como meio pelo qual produzem a vida material (KAHHALE & MONTREOZOL, 2019).

Esta teoria se posiciona de maneira crítica a outros autores da Psicologia Tradicional, visto que: concebe os fenômenos psicológicos como construídos histórica e socialmente; rompe com a Psicologia tradicional classificatória e estigmatizante; reconhece a inexistência de neutralidade em intervenções; e afasta-se da lógica positivista uma vez que é pautada na metodologia histórico-dialética (KAHHALE & MONTREOZOL, 2019).

Vygotsky dedicou-se ao estudo do desenvolvimento humano. Ele afirma que o desenvolvimento dos indivíduos se dá por meio de crises que ocorrem ao longo da vida do sujeito (VYGOTSKY, 2006). Nesse sentido, ele busca compreender de que forma a cultura contribui para estabelecer as funções psíquicas superiores, que são uma especificidade humana. Para o autor, estas

têm origem no social por meio de uma relação dialética (PINO, 2006). Ou seja, ao transformar a realidade o sujeito é simultaneamente modificado por ela (FERREIRA & ROLDÃO, 2018).

Além disso, o desenvolvimento está intrinsecamente relacionado com o conceito de mediação, sendo este central na obra de Vigotski (MARTINS & MOSER, 2012). Este consiste em um elemento intermediário numa relação, de forma que media a relação entre dois pólos. De encontro a isso, Pasqualini e Martins (2015) discorrem sobre como este conceito deve ser percebido a partir da lógica dialética. Ou seja, é um processo que ocorre por meio de uma relação entre dois extremos, modificando e preservando ambos. Como exemplo, os autores trazem o trabalho como mediação entre o homem e a natureza, ambos são preservados, porém transformados por essa atividade.

A partir disso, podemos afirmar que são escassos os estudos da Psicologia Histórico-Cultural no âmbito clínico, esta é mais difundida no âmbito da Educação e Desenvolvimento, mas também está presente na Psicologia Social e Psicologia do Trabalho (CLARINDO, 2020). Rey (2007) justifica isso devido a política vigente na época. Admitir a existência de causas para além de orgânicas para aqueles classificados como fora da normalidade significaria reconhecer a não eficácia do Estado. Portanto, estes eram destinados a medicina e o papel imposto a psicologia era exclusivamente o de formar o novo cidadão socialista.

Apesar de não ter desenvolvido uma proposta para o campo da psicoterapia especificamente, a própria teoria justifica sua aplicação neste âmbito. O ambiente psicoterápico possibilita um espaço de relação, tem todas as condições para representar o social e assim propiciar o desenvolvimento humano (CLARINDO, 2020).

Dado que a abordagem histórico-cultural na clínica está ainda em processo de desenvolvimento, o objetivo deste trabalho é narrar meu processo de formação do psicólogo na clínica histórico-cultural. Para tanto, passo a contar sobre a experiência que vivi na clínica escola da Universidade Federal de

Uberlândia, atendendo uma mulher parda¹ de 47 anos, assim como, as discussões realizadas no âmbito das supervisões. Nesse sentido, a partir daqui parto de estudos existentes para pensar os principais aspectos desta prática, em seguida discorro a respeito das particularidades do caso e sobre meu processo, englobando reflexões e como fui me descobrindo psicóloga em meio a atuação.

Quando pensamos em uma clínica a partir da Psicologia Histórico-Cultural a mediação é central. Rey (2007b) discorre sobre como o psicoterapeuta nesta abordagem precisa assumir sempre uma postura de diálogo. Este, de acordo com a psicoterapia histórico-cultural, opera como parte do processo de mediação que permite que o sujeito aprenda e se desenvolva. Sendo assim, a relação entre paciente e terapeuta representa o aspecto de interação da teoria de forma que neste ambiente ambas as participações são ativas e criadoras de sentido e significação o que possibilita uma mudança de posição no sujeito em relação aos seus conflitos originais (CLARINDO, 2020).

Com relação à prática clínica, Clarindo (2020) traz a escuta atenta e empática como principal recurso na clínica psicoterápica histórico-cultural. Isso se justifica uma vez que esta é condição para que se possa ocorrer o desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva Vigotskiana. Assim, é por meio de uma escuta atenta e empática que o diálogo pode existir, o que possibilita uma internalização do diálogo social, da criação de sentidos, de forma que os elementos interpsicológicos construídos ali se tornem intrapsicológicos por meio

Outro aspecto que podemos nos debruçar é o da conscientização. Clarindo (2020) nos apresenta a uma noção deste conceito segunda a qual o psicoterapeuta seria responsável por proporcionar espaços simbólicos que possibilitam para o sujeito novas visões acerca do mundo e de si. Dessa forma, o psicólogo nessa relação dialética auxiliaria em uma ressignificação de problemas sejam estes sociais e/ou psicológicos.

Por sua vez, Pasqualini e Martins (2015) discursam a respeito de como os âmbitos singular-particular-universal estão relacionados entre si. A singularidade

¹ O termo “parda” foi retirado da ficha de identificação utilizada como procedimento padrão na clínica escola, preenchida pela própria pessoa. Dessa forma, foi utilizado ao longo de todo esse trabalho com essa justificativa.

está no campo daquilo que é passível de observação, ou seja, no plano da aparência do fenômeno. No entanto, não é o fenômeno em si. Para que este seja acessado, é preciso de uma análise que rompa com a dimensão singular. Este singular existe por meio de uma particularização do universal, e imersas em uma relação dialética podemos afirmar que o universal é composto pela soma do singular. Um não pode ser compreendido sem o outro.

A particularização, portanto, é a mediação que ocorre entre o universal e o singular que possibilita a compreensão da forma com a qual a universalidade é concretizada na singularidade. A Psicologia tradicional como já mencionado se apegava a uma concepção de singularidade, ou seja, concebe o indivíduo somente a partir daquilo que ele aparenta descolado de condições sociais. Além disso, ao estabelecer um padrão ideal normativo acaba por padronizar condições específicas de determinada classe social, universalizando as mesmas (PASQUALINI & MARTINS, 2015).

Uma psicologia crítica concebe o indivíduo para além do que é imediato. Dessa forma, se dedica a compreensão dos processos particulares e universais que “condicionam a condição particular do indivíduo, analisando como sua singularidade se constrói em relação com sua genericidade” (PASQUILINI & MARTINS, p 370, 2015). Com base nisso, cabe adentrarmos nas particularidades que influenciam para o desenvolvimento deste TCC. E pensar: Quais as implicações de se nascer mulher? Quais as implicações de se nascer mulher, parda? Quais as implicações de se nascer mulher, parda e com condições socioeconômicas limitadas?

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”, disse Simone de Beauvoir (1967) em uma de suas mais famosas frases. Ela defende que não somos somente determinadas biologicamente, de forma que ao longo da história foi se consolidando um papel social que nos enquadra como donas de casa, mãe e esposa. Houve um contexto que serviu para fundamentar essa posição na sociedade, iniciado a partir de uma divisão do trabalho. De acordo com esta, a mulher permaneceu responsável pelas atividades do lar e desvalorizada e sem remuneração, de forma que dependiam da figura do homem cuja função era prover para a família.

A partir da década de 70 com a industrialização e aumento de mulheres no mercado de trabalho essa divisão de papéis se manteve, de forma que os cuidados relacionados à casa permaneceram associados ao papel feminino. Dessa forma, a desvalorização se manteve, assim como uma invisibilidade, de forma que o tempo gasto pela mulher para/com o cuidado do outro era prioridade em relação ao cuidado com si mesma (MARQUES, 2022). Além disso, historicamente as mulheres estiveram mais inseridas em trabalhos relacionados ao cuidado, tanto profissões na área da saúde como no cuidado com a família (MARQUES, 2022).

Ou seja, ao longo da história foi se construindo concepções do que é ser mulher e os papéis destinados às mesmas. Como forma de justificar essas posições opressoras, muitas vezes foi utilizada as diferenças biológicas. A sociedade patriarcal também se utiliza de tal determinismo, com o objetivo de dividir o trabalho sexualmente: enquanto o homem ficava responsável pela atuação em espaços públicos, a mulher era mantida no âmbito doméstico, cuidando dos filhos ou do marido. Dessa forma, A mulher, além de submissa foi colocada no papel de cuidadora (MARQUES, 2022)

Ainda atualmente a mulher é responsabilizada por trabalhos de cuidado, seja com a casa, filhos, idosos, mas que não são reconhecidos como trabalho de fato. Além disso, quando pensamos em papéis sociais, espera-se exclusivamente da mulher a “capacidade de ser boa mãe”, o que inclui o compromisso com a socialização dos filhos, criação e educação. Para além disso, a sociedade não concebe que a mulher possa simultaneamente exercer a maternidade e uma vida profissional, de forma que sofre discriminação no mercado de trabalho. Isso corrobora com a saída do mesmo após a maternidade, seja por demissão ou por escolha própria (GALVÃO, 2020).

No entanto, cabe pensarmos sobre qual mulher estamos nos referindo quando descrevemos a mulher cuja função e dever era permanecer no lar, cuidar dos filhos, parentes e casa. Nesse sentido, Carneiro (2020) discorre sobre a necessidade de enegrecer o feminismo para que este abarque não só as questões de gênero como as raciais. Isso se justifica uma vez que em nossa

sociedade o sistema de opressão é composto historicamente tanto pela hegemonia masculina como pelo racismo.

Os cursos de graduação do país frequentemente não formam seus profissionais com o objetivo de combater o racismo e a exclusão social (VEIGA, 2019). Isso implica que os pacientes podem acabar sendo vítimas de racismo dos profissionais. Ao exercer uma Psicologia de acordo com a teoria Histórico-Cultural, que busca romper com a Psicologia tradicional e que considera o sujeito em seu contexto histórico-cultural, é imprescindível uma postura antirracista.

MÉTODO

Como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho é narrar o processo de formação do psicólogo na clínica histórico-cultural. O método escolhido, é o narrativo. Para explicitar as razões dessa escolha, cabe um aprofundamento a respeito do que consiste este método.

Diversos autores associam narrativas com experiências próprias, e discorrem a respeito de como nossas histórias são parte da humanidade: nós somos organismos contadores de histórias, vivenciamos elas, e nos reafirmamos ao recontá-las (SAHAGOFF, 2015; CUNHA, 1997). Além disso, essas vivências acontecem em determinado contexto social, político, econômico, histórico, aspectos que não podem deixar de ser considerados (SOUZA & CABRAL, 2015).

Clandinin e Connelly (1995) corroboram com isto ao afirmar que a experiência é pessoal e social, uma vez que engloba propriedades de ambos, como sentimentos e desejos (pessoal), ambiente e fatores do contexto (social). A pesquisa narrativa, portanto, está associada com essa experiência que, por sua vez, deriva de outras.

Portanto, a vivência do investigador acaba por se mesclar com a do investigado (CUNHA, 1997). Além disso, mesclar vivência e investigação está relacionado à vida pessoal do pesquisador (SOUZA & CABRAL, 2015), de forma que situações são destacadas, esquecidas, negadas, reforçadas, entre outros e tais aspectos são passíveis de serem investigados com fins pedagógicos (CUNHA, 1997).

Dessa forma, a pesquisa narrativa estuda a forma como o sujeito experimenta o mundo, uma vez que a narrativa do sujeito não consiste nos fatos, mas em uma representação deste que é significada por aquele que está narrando (CUNHA, 1997). A pesquisa narrativa permite que o sujeito se constitua enquanto narra (SERODIO & PRADO, 2017). Além disso, na medida em que o pesquisador se dedica ao relato ele reconstitui sua experiência e reflete sobre ela, o que implica em uma análise de si e da própria prática, ampliando a compreensão da mesma. Isso também possibilita uma atribuição de novos significados às experiências, possibilitando uma transformação da própria realidade (CUNHA, 1997).

Na pesquisa narrativa utiliza-se diversas técnicas e instrumentos, geralmente registros escritos a depender do objetivo do pesquisador (SOUZA & CABRAL, 2015), mas também pode-se usar fotografias, colagens, mapas cartográficos etc. Neste trabalho, utilizo os relatos de sessão em formato de diário de campo, produzidos logo após cada atendimento, e anotações feitas em supervisões. Tanto as sessões como as supervisões aconteciam semanalmente.

As sessões tinham a duração de 50 minutos e após cada uma, redigia o relato, contendo: os principais assuntos tratados ao longo da sessão, pensamentos, dúvidas, caminhos possíveis e às vezes até mesmo trechos completos de conversas que eu me recordava. Para a escrita deste texto, debruicei-me sobre os relatos e as anotações que foram realizadas durante as supervisões do estágio.

A partir disso podemos entender a pesquisa narrativa como um procedimento dinâmico, uma vez que nesta vivemos e contamos histórias, assim como revivemos e recontamos (SAHAGOFF, 2015). No entanto, em meus relatos e anotações apesar de partirem de uma experiência subjetiva, estão imersos em um contexto social, cultural, político e se dão por meio de interações (seja com minha paciente ou com o grupo de supervisão). Dessa forma, entendemos que todo este contexto - pessoas, vidas e histórias - consiste em um espaço de três dimensões para a investigação narrativa (SAHAGOFF, 2015).

A paciente, aqui chamada de Veneza, é uma mulher de 47 anos, parda, mãe de três filhos, cuja queixa inicial é a dificuldade de se relacionar com o filho

mais novo após a separação do casal. Apesar de toda a escrita girar em torno da minha relação com Veneza, o foco dado, será no processo de formação, no psicólogo.

A escolha de Veneza, se deu pelo tempo em que a acompanhei, num total de 30 sessões, mas principalmente porque atender Veneza me fazia questionar o lugar da mulher na sociedade, a sobrecarga da maternidade e em como eu, mulher branca, 23 anos, sem filhos, seria capaz de cuidar de alguém com o dobro da minha idade e cujo tema eu não tinha nenhuma experiência.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Esta sessão foi dividida em algumas partes. Isso foi feito de forma a melhor representar a forma com a qual vivenciei o processo de me tornar terapeuta de Veneza. Busco evidenciar minhas maiores preocupações e enquanto narro e mudanças ocorridas com o passar do tempo, tanto em mim como nela, uma vez que o processo ocorre por meio de uma relação dialética.

Primeiros atendimentos

Veneza não foi meu primeiro atendimento com adultos, tive uma cliente anteriormente durante cerca de um mês. Ainda assim, os primeiros atendimentos foram permeados por sentimentos de receio e preocupação que podem se resumir em um questionamento que eu frequentemente me fazia: como aplicar a teoria na prática?

A partir de seu prontuário colho as informações iniciais a seu respeito: mulher, nascida no ano de 1976, tem 47 anos. Em um acolhimento realizado no ano de 2021 traz como queixa que gostaria de saber lidar melhor com seu filho, uma vez que este não está reagindo bem com o divórcio de seu pai.

No primeiro atendimento Veneza fala baixo, o que pode ser intensificado devido ao uso da máscara. Estamos no final do ano de 2022, recém-saídos de uma pandemia, a máscara uma obrigatoriedade, uma precaução. Ela, diferente da minha primeira paciente, espera que eu faça perguntas para respondê-las, por vezes até mesmo verbalizando esse pedido e não se delonga muito em suas falas. Não tenho dificuldades em exercitar uma escuta atenta e empática ou

curiosidade genuínas, uma vez que de fato estou interessada nela, em sua história e imensamente preocupada se serei capaz de suprir suas demandas.

Noto uma superficialidade em nossa primeira conversa. Algo compreensível e esperado, uma vez que não nos conhecemos e não temos um vínculo. Imagino o que ela pensa sobre estar ali, sobre mim, minha aparência e roupas cuidadosamente escolhidas para passar uma seriedade.

Ela descreve a respeito de sua família brevemente, me conta sobre seu primeiro marido que faleceu e me salta aos ouvidos sua descrição “foi difícil, mas hoje consigo ver que venci.” O que é vencer? Venceu o que? O luto? A saudade? As dificuldades? O momento em si? Perguntas surgem à mente devido sua escolha de palavras para descrever a situação, mas sinto que precisamos desenvolver um vínculo primeiro.

Chegamos então à sua demanda principal, seu filho mais novo. Ela relata que inicialmente procurou a psicoterapia devido a forma com a qual ele lidou com o divórcio. Ela narra que precisava de orientação na época para entender como trabalhar com ele, mas que atualmente a separação não é uma questão. Também diz que gostaria de saber lidar com ele melhor, e que é vista como vilã por ele.

Escuto sobre seu filho, como ele não gosta de fazer natação, não gosta da atividade que ela colocou para ele ir após a escola, gostaria de ficar sozinho em casa e ela não deixa, não obedece. Então me relata uma série de acontecimentos que justificam suas punições e castigos a ele. Nesse primeiro momento, fico imersa em sua demanda, faço questionamentos a respeito dessas situações e ela me relata sem dificuldades, mostrando sua indignação com as ações dele em diversos momentos.

Além disso, também escuto sobre o pai. Alguém com quem ela foi casada e que é descrito como um homem de quem ela nunca gostou de verdade. Um pai que fica com Manoel nos finais de semana a cada 15 dias, idolatrado pelo menino por ter sido colocado no futebol por ele, uma atividade que Veneza afirma que ele queria muito fazer.

Me conta sobre seu trabalho. Está na UBS há 9 anos, é terceirizada e contratada como agente da saúde, de forma que ela é responsável por uma série

de casas no bairro, porém tem enfoque naquelas que possuem pessoas com prioridade: PCDs, gestantes, idosos, entre outros. Relata que viveu uma situação muito difícil em uma troca de gestão da coordenação, uma criança pegou um dos tablets da unidade o qual ela era responsável, que posteriormente foi devolvido. Apesar disso ela recebeu uma advertência da mesma forma.

Nos últimos minutos da primeira sessão faço uma pergunta que me assombra até hoje. Havia notado que tinha um homem com ela na recepção quando vou chamar ela pra sala então questiono, em um momento de puro descuido, se era o filho dela. Ela ri, algo que consigo descrever hoje como um gesto sem graça, e me conta que é o namorado dela. Então relata que no início não queria se relacionar com ele devido a essa diferença de idades, mas que hoje não se importa com a opinião dos outros.

Esse momento me preocupa. Clarindo (2020) trás a escuta atenta e empática como sendo um dos principais recursos que podem ser utilizados na clínica psicoterápica histórico-cultural. Ele justifica isso uma vez que quando criamos um ambiente livre de julgamentos e diálogos o sujeito pode manifestar-se de uma forma que não faria em outras relações. Quando pergunto se quem estaria com ela era seu filho, expesso um julgamento que provavelmente é algo que ela já vivenciou antes. Emito uma opinião por meio de uma pergunta descuidada, e me preocupo com as consequências e reverberações que isso pode ter em nosso vínculo e ao longo do caso.

Nas sessões iniciais, em diversos momentos, seu filho é o ponto central. Sinto a insegurança de estar muito neste tema e de não estar auxiliando-a. Me apoio em Arantes e Martins (2020) que discorrem sobre como aquele espaço e momento é sobre o cliente e o que ele quer trazer. De encontro a isso Clarindo (2020) afirma que neste espaço de interação, no qual o sujeito pode falar livremente sobre suas questões, também constitui um espaço onde o sujeito reconstitui as ideias a respeito de si e do mundo. Aqui, Veneza escolhe sobre o que gostaria de falar, o que possibilita conhecer sua história de novas formas e ligar pontos de formas inéditas.

Escuto a respeito de como Manoel tem determinadas responsabilidades e que mesmo que seja algo combinado, que ele está ciente que é encarregado por

isso, ela precisa pedir para que ele o faça. Como exemplo, me relata que da última vez que ele lavou o banheiro só lavou o vaso e o chão, deixando de fora o box e a pia, o que é considerado por ela um absurdo uma vez que ele não tem mais 8 anos, já sabe lavar o banheiro. Me conta sobre um pré-adolescente que não gosta de ler, que sua letra é feia e que ele poderia se esforçar mais em relação a isso.

Em diferentes momentos após contar algo que fez, como um castigo ou algo que disse a ele, complementa com “não sei se isso é certo ou errado” e percebo que o que ela espera uma resposta, uma orientação, por vezes até expressando esse pedido verbalmente. Ouço atentamente, mas me sinto perdida, me angustio pensando em formas as quais poderia ajudar ela nesse cotidiano, pois é isto que ela está buscando.

Portanto, esses encontros iniciais são marcados por muita insegurança. Como auxiliar essa mãe, sendo que não tenho experiência com a maternidade? Tenho opiniões a respeito do que ela traz, mas entendo que para exercer uma mediação e auxiliar na criação de novos sentidos se faz necessário construir isso junto com ela, portanto, sempre busco fazer perguntas, ao invés de afirmações.

Sendo assim, quando ela traz pedidos por orientação, busco voltar a pergunta para ela, como exemplo: “eu fiz errado?”, “o que você acha?”. É um exercício constante me colocar neste lugar de psicóloga, desvencilhar de como me comporto em relações cotidianas nas quais muitas vezes ouvimos algo pensando na resposta. Nesse processo, também entendo que emitir uma opinião seria somente julgar que conheço mais sobre o assunto do que ela, o que me tornaria uma “especialista” e teria como consequência uma relação hierárquica entre nós (ARANTES & MARTINS, 2020).

Em supervisão, descrevo minhas percepções e os assuntos abarcados. O que me domina no atendimento é a coleção de defeitos que ela me apresenta a respeito do filho e como ela parece tirar dele tudo o que ele gosta como forma de punição. Entendemos que esta mãe possui questões com relação à maternidade, mais especificamente com este filho mais novo. Sou orientada a mostrar para ela a forma com a qual ela veio me apresentando este filho e tentar buscar qualidades que ela também vê, para além dos defeitos.

Na sessão seguinte é justamente isso que faço, e quando peço para que ela me diga algumas qualidades que consegue perceber em Manuel ela responde que ele é amoroso e engraçado. Mas essas qualidades são também acompanhadas por “defeitos” de forma que ele às vezes é grudento demais e que as brincadeiras às vezes irritam muito ela.

Tento pensar junto com ela coisas que eles possam fazer juntos que sejam do agrado de ambos, uma vez que quando pergunto a respeito do tempo que eles passam juntos ela me descreve atividades que ele demonstra não gostar de fazer. Quando vamos explorar outras coisas: ler um livro juntos, cozinhar, assistir a filmes, ir ao parque não para correr, mas para estar presente na companhia um do outro, ela descarta cada uma de minhas opções com uma justificativa diferente, e alega que já tentou de tudo.

Minha opção então é encontrar outro caminho, questiono então a respeito da relação dela com os outros filhos nessa idade, e ela responde que não era dessa forma. Quando tento investigar o que ela acha que é de diferente com Manuel ela responde que atualmente tem muita tecnologia e que isso faz muita diferença.

A palavra que melhor descreve meus sentimentos em relação a essas sessões é: impotência. Permeada por muitas dúvidas em relação a como auxiliar Veneza de fato. Quando ela diz que já tentou de tudo eu sinto isso também, uma vez que buscamos diversas alternativas de como de fato eles podem aproveitar o tempo juntos e não encontramos nenhuma que seja possível.

Moreira e Sousa (2022) ao tratar a respeito da clínica histórico-cultural destacam o papel do terapeuta como mediador. Sendo assim, cabe ao psicólogo promover a apropriação do sujeito de seus processos, apontando contradições, evidenciando sentidos e possibilitando a ressignificação destes. Fico me questionando como oferecer essa mediação. Tento refletir com ela a respeito de Manoel ter somente 12 anos, quais alternativas podem ser realizadas, mas quando ela me responde sinto que tais intervenções não fazem sentido para ela. Me questiono: estou fazendo meu papel como psicóloga?

Com o auxílio da supervisão percebo algo que deveria ser óbvio, mas que, no momento, não é: escuto sobre Manoel, mas não escuto sobre ela. Quando

ela fala dele, muitas vezes tenho uma visão de uma mãe rígida, exigente. Percebo seu cansaço, entendo que ela está ali para ter uma melhor relação com ele, trabalha demais e é a única responsável por todos os cuidados.

Dessa forma, acabo por ser sua cúmplice em alguns momentos, o que é demonstrado como omissão. Tenho dificuldades para contar a respeito dessas percepções e de como fazer isso de forma que faça sentido para ela e que auxilie de alguma forma. Simultaneamente, me compadeço por ele, tento apresentar soluções e argumentos que possam defendê-lo e sensibilizá-la para um olhar mais carinhoso.

Neste momento, recorro novamente a teoria. Jacinto (2020) busca discorrer sobre princípios metodológicos da Teoria Histórico-Cultural e argumenta sobre a aplicação destes no âmbito clínico. Desta forma ressalta que esta compreende o sujeito como um ser histórico, e desta forma o fenômeno precisa ser entendido em sua totalidade, composta pela origem e desenvolvimento.

Não falamos sobre a história de Veneza de forma aprofundada até então, isso implica em um olhar para o objeto, não para o processo. Além disso, criar um espaço no qual o psicólogo instigue o sujeito a refletir a respeito da história do fenômeno que está em foco é possibilitar que haja uma ressignificação, tanto da histórica como do sujeito e do fenômeno.

Histórico

Temos duas sessões voltadas para a compreensão deste percurso, a história de Veneza. Para isso, utilizo o recurso da Linha do Tempo, descrito Clarindo (2020) como uma técnica na qual é solicitado ao cliente que escreva em um papel os momentos mais marcantes de sua vida. Com Veneza realizo isto de forma verbal, peço que ela me descreva os principais momentos da vida dela e qual idade ela tinha.

Sua narrativa não é linear, portanto em diversos momentos busco retomar com ela os acontecimentos em ordem cronológica os acontecimentos, “quando você tinha 9 anos fez a cirurgia, quando tinha 17 conheceu seu primeiro marido...” e assim por diante, para evidenciar para ela e para mim quais são

esses momentos que ela considera como relevantes e para marcar a reconstrução que está sendo feita até o momento atual.

Passamos por: cirurgia no útero aos 9 anos de idade, trabalho com 14/15, conheceu o primeiro marido com 17, casou-se aos 19 grávida da primeira filha, nascimento do segundo filho com 22 anos, morte do marido com 30 anos, nascimento de Manoel com 35 anos, divórcio do segundo marido com 40 anos.

Durante esses diálogos faço várias perguntas. Clarindo (2020) categoriza as perguntas em dois tipos: exploratório e problematizador. A maioria das perguntas que faço na sessão possuem cunho mais exploratório, que de certa forma podem ser consideradas problematizadoras, pois fazem com que o sujeito reflita sobre o que está sendo relatado. No entanto, também faço perguntas problematizadoras, que possuem o objetivo de gerar conflito interno, evidenciar possíveis contradições, por exemplo.

Um desses questionamentos que me marcou foi algo pensado em supervisão: “Você me disse que ficou casada por 8 anos, com alguém que não gostava. Por que você acha que permaneceu nessa relação por tanto tempo? Quais benefícios tinham?”. Ela fica uns momentos em silêncio e neste percebo algo como culpa. Não responde à pergunta diretamente, mas se responsabiliza por ter ficado tanto tempo nessa relação. Afirma que foi algo que dividiu sua família, e que suportou muitas coisas para se manter nela. Em sessões posteriores retornaremos a isso, mas ao narrar sobre, repensando e atribuindo novos significados para esse momento, acredito que naquele instante talvez ela também não soubesse do motivo de ter permanecido.

Até aqui descrevi o que percorremos ao longo de 5 sessões. Começo a sentir dificuldades em aprofundar nos assuntos, de forma que, nas sessões posteriores, mesmo consciente de que preciso desenvolver mais, não encontro a forma com a qual fazer isso.

Com o tempo vou ampliando meu conhecimento a respeito de sua história e suas ações passam a fazer mais sentido, nos mantemos em um nível exploratório, sinto que ela tem uma demanda por fala, mas, estrategicamente, se mantém na superfície dos assuntos. Entendo que sou a responsável por trazer ela para aprofundar, mas não sei a forma com a qual fazer isso. Busco

estratégias, perguntar de formas diferentes, mas em muitos momentos sinto que ela é vaga, afirmando “é como eu já te disse...” e segue relatando.

Nestes momentos, a supervisão auxilia muito. Este também é um ambiente de muito aprendizado, e, portanto, repleto de mediação. Compartilhar com meus pares a respeito de minhas vivências é, ao mesmo tempo, assustador e reconfortante. Assustador devido a um receio de ser julgada a respeito de minhas abordagens (o que nunca ocorreu) e reconfortante na medida em que pensamos juntos e construímos novas possibilidades de atuação. Consistiu em um dos principais locais de formação e crescimento, uma vez que entre muitas outras coisas, ampliamos repertório e conseguimos amparar a prática na teoria.

Os principais temas abordados nas sessões posteriores são: uma briga de Manoel na escola, seu pai com problemas no coração, vitimização de Manoel com bullying e vontade dele de ser jogador profissional de futebol e não estudar. Nessas sessões eu faço principalmente questionamentos e ela concorda ou discorda, mas não mergulhamos na gênese dessas questões. Nos mantemos a aparência do fenômeno, atualmente percebo que nestes momentos perco o processo em si.

Uma sessão específica marca um rompimento de uma forma de atuação que não estava me satisfazendo. A cada semana me encontrava mais frustrada por sentir que não tínhamos nenhum progresso e que nossas sessões tinham como enfoque mais aqueles que estavam na vida de Veneza do que nela mesma. Então com o objetivo de entender onde poderia melhorar, em nossa décima sessão faço um relato mais detalhado do que os demais. Transcrevo minhas perguntas e peço para que minha orientadora leia.

Percebo então que a forma com a qual estava formulando minhas perguntas não implicava Veneza em suas respostas, não trazia ela como sujeito. Um exemplo: Veneza está me contando sobre como Manoel quer sair da natação e ela disse que se ele respeitasse ela, fizesse as coisas que ela pede e não respondesse tanto ela já o teria feito. Questiono então “Ele precisa merecer sua ajuda?”. Minha supervisora orienta uma alteração na formulação da pergunta de forma a posicionar Veneza como sujeito, “Quando você precisa de ajuda, precisa merecer por ela?”.

Nesses dois meses iniciais, apesar de compreender aspectos da teoria como a visão de sujeito da mesma e os princípios metodológicos, não sentia que na prática estava conseguindo avanço e não entendia o motivo. Isso gerou uma certa desmotivação, falávamos sobre vários assuntos, mas a percepção dela a respeito deles parecia se manter a, pois não conseguia fazer ela refletir. Apesar de compreender os benefícios de ela ter um ambiente de escuta, e de sempre exercitar está de uma forma atenta e empática, em diversas sessões sentia que ela dominava e que eu não conseguia fazer qualquer tipo de intervenção. A partir dos apontamentos feitos por minha supervisora retorno aos atendimentos com motivação. Me atento para a formulação de questões e para como Veneza responde essas perguntas.

Isso se mostra importante em diversos momentos. Por exemplo, muitas vezes ela relata algo e quando pergunto como ela está se sentindo e ela responde outra coisa, como “É difícil, por causa disso e daquilo”. Chamo sua atenção para o fato de que ela não respondeu minha pergunta e peço para que ela me conte o sentimento. Em alguns momentos ela parece se surpreender, como se não tivesse se dado conta de que não havia respondido de fato. Em outros, demonstra dificuldade em nomear o sentimento.

Veneza - aprofundamentos e novos sentidos

Até então, a análise deste trabalho estava sendo realizada por meio de uma ordem cronológica dos atendimentos. A partir deste ponto essa divisão deixa de fazer sentido. Começo a exercitar a percepção de Veneza para além de sua singularidade, constituída de particularidades em um universal.

É o início de um olhar mais consciente sobre ela como um todo, um sujeito histórico. Sinto que começo a desenvolver um raciocínio clínico a partir da teoria Histórico-Cultural, de forma procuro entender como se deu sua demanda, os aspectos que influenciam na mesma. Também começo a desenvolver uma confiança, que aparece, por exemplo, quando começo a formular hipóteses e consigo compartilhar com ela e questionar se faz sentido ou não.

Esse processo não ocorre de forma repentina, de uma sessão para outra, mas em uma relação dialética minha com Veneza, com os colegas em

supervisão, mediados por meio de diálogos, textos e reflexões. Em alguns momentos ao longo do processo ainda sinto dificuldades em aprofundar, ampliar seu discurso e demandas principais, mas isso é modificado ao longo do tempo, própria relação dialética que foi sendo construída com Veneza.

Como dito anteriormente, a escrita deste trabalho a partir de um método narrativo permite que o pesquisador reflita a respeito de sua experiência na medida em que a reconstitui, de forma que analisa e amplia a compreensão da mesma. Ao longo da graduação realizamos a leitura de muitos textos, no entanto meu conhecimento a respeito da clínica na teoria Histórico-Cultural foi se aprofundar somente com o estágio. Além disso, conhecer sobre a teoria é diferente de aplicar a mesma na prática.

A escolha de uma psicologia histórico-cultural implica um olhar para o sujeito e para além de sua individualidade, ou seja, considera o contexto no qual ele está inserido. Compreender o sujeito como histórico significa olhar para como se deu a construção de sentidos por meio de suas vivências, que são influenciadas pelo contexto social e cultural que ocorrem. Ou seja, é necessário um conhecimento abrangente a respeito de Veneza, para uma melhor compreensão de suas vivências e sentidos. Isso permite um aprofundamento nas sessões, de forma que escuto suas demandas e considera esses âmbitos e muitos outros que atravessam a ela.

Veneza é uma mulher.

Veneza é uma mulher e parda.

Veneza é uma mulher, parda e católica.

Veneza é uma mulher, parda, católica e trabalhadora.

Veneza é uma mulher, parda, católica, trabalhadora, mãe.

Veneza é uma mulher, parda, católica, trabalhadora, mãe, viúva.

Veneza é uma mulher, parda, católica, trabalhadora, mãe, viúva e divorciada.

Cada um desses fatores mencionados são determinações universais e particulares que vão condicionar e construir a singularidade que é Veneza (PASQUALINI; MARTINS, 2015). Sendo assim, compreender Veneza como

sujeito histórico implica em considerar o contexto sociocultural, todos os fatores mencionados acima e muitos outros. Na medida em que narro, consigo perceber nessas primeiras sessões uma preocupação somente com a aparência do fenômeno, ou seja, com suas queixas a respeito de um filho desobediente. Esse enfoque me paralisava, pois tinha como objetivo somente a resolução desses conflitos. Foi ao longo do processo terapêutico que pude compreender para além do fenômeno, ou seja, a forma que essa relação foi construída, a maternidade.

Maternidade

"Há cinco anos, desde que Augusto nasceu, foi obrigada a ser sua mãe. Foi obrigada a amá-lo". Véspera, Carla Madeira

Na sessão que envio transcrita a minha orientadora, apesar de não formular as questões de forma a implicar Veneza, conseguimos explorar alguns pontos importantes. Pela primeira vez Veneza fala diretamente sobre como ela não gostaria de ter engravidado de Manoel. Apesar de isso não ter sido expresso com essas palavras em outro momento, na medida em que percorro meus relatos de sessão consigo localizar diálogos que contém isso de certa forma.

Em nossa primeira sessão ela diz que ter filhos era o sonho do pai de Manoel, mas não fala nada sobre si. Logo após isso, me conta que com o seu falecido marido eles tinham o planejamento de adotar uma criança, e que é como se Manoel fosse esse filho que ela teria adotado, diz que "é uma brincadeira que ela faz". Em uma outra sessão, ela também diz que foi mãe de Manoel muito tarde e que já não tinha mais a mesma disposição, embora estivesse com 36 anos. Além disso, também relata que nunca pode tomar contraceptivos, seu ciclo sempre foi muito irregular e após o falecimento de seu primeiro marido ela tentou fazer laqueadura, mas os médicos disseram que ela era muito jovem.

A partir disso consigo compreender um pouco mais sobre a construção do fenômeno da maternidade dela com Manoel. Veneza estava com 36 anos. Tinha dois filhos, que já estavam com 16 e 14 anos e faziam atividades de menor aprendiz. Nunca conseguiu tomar contraceptivos e, apesar de ter dois filhos vivos, lhe foi negada a realização de uma laqueadura, que estava autorizada segundo a lei da época. Buscava outras oportunidades de trabalho, uma vez que

era muito difícil estar no ambiente hospitalar após o falecimento do primeiro marido. Encontrava-se no início de um relacionamento com alguém que não via futuro. De repente, engravida de Manoel, sem ter tido a escolha ou planejamento. Manoel nasce, e Veneza é obrigada a ser sua mãe. É obrigada a amá-lo.

Em nossa sociedade existe a ideia de que a mãe ama seu filho de forma natural e espontânea. Sendo assim, cabe à mãe estar presente de forma constante para garantir cuidado e atenção (RESENDE, 2017). Este ideal está presente em diversas conversas com Veneza a respeito do tema.

Quando ela me verbaliza que não gostaria de ter engravidado pela primeira vez, digo isso pra ela entendendo a importância de ela confiar naquele espaço o suficiente para que aquilo seja dito: “Apesar de nos conhecermos a muito tempo, essa é a primeira vez que você me diz com todas as palavras que não gostaria de ter engravidado” e também busco conversar com ela sobre como a mulher tem um papel social na sociedade que foi construído historicamente, e que isso implica na obrigatoriedade deste amor e cuidado com este filho.

Sua resposta naquele momento e em outras sessões nas quais abordamos tal assunto posteriormente é “verdade”, seguido por uma necessidade de reafirmar que ama Manoel e como ele foi um “presente de Deus” em sua vida. Em determinada sessão eu sinto a necessidade de lhe dizer sobre esta reação que está acontecendo em sessão. Pois, ela sentir que precisa reafirmar que ama ele após falar de dificuldades também é uma expressão desse papel imposto às mulheres.

Além disso, a vivência da maternidade também foi atravessada pelo divórcio. Veneza conheceu o genitor de Manoel em um forró. Ele era caminhoneiro, foi morar com ela na casa que ela havia construído com o primeiro marido, e contribuiu -mas não muito- para que fosse possível terminar a mesma. Veneza conta que seus filhos do casamento anterior não se davam muito bem com ele, de forma que isso gerou uma divisão entre eles, vivenciada até mesmo fisicamente, uma vez que eles não permaneciam muito tempo no mesmo ambiente.

Em diversos momentos esse genitor surge, frequentemente acompanhado por uma emoção: raiva. Já pai de duas filhas mulheres, era seu sonho ser pai de

um menino. Atualmente seu sonho é desempenhado a partir do pagamento da pensão e de dois finais de semana no mês que Manoel passa com ele.

Veneza desde as primeiras sessões demonstra frustração com este homem que é adorado pelo filho apesar de não fazer esforço nenhum, enquanto ela é vista por ele como sendo a “chata”. Uma situação que retrata isso é: Manoel faz natação, e não gosta. Gostaria de fazer futebol, mas Veneza tem dificuldades em levar ele pois não tem nenhum lugar perto. O pai de Manoel matricula ele no futebol, e diz que vai levá-lo, mas nunca o faz, deixando novamente a responsabilidade nas mãos de Veneza.

Em diversos momentos ao longo deste quase um ano atendendo Veneza me indigno com as situações junto com ela. Devo demonstrar essa indignação? Quais seriam as minhas intenções ao demonstrar essa indignação? De que forma isso beneficiaria Veneza?

Em determinada sessão, ela está relatando uma das brigas que ela e Manoel tiveram, com relação ao futebol: ele gostaria de ir de ônibus, mas Veneza o considera jovem demais e às vezes não consegue levar ele. O filho não entende isso, mas entende o pai que trabalha e não consegue levar ele. Ela começa a falar sobre como ele poderia pelo menos ajudar com alguma coisa, por exemplo pagando a gasolina.

Em alguns momentos, este representando um destes, a raiva desse homem transborda naquele que é visto como a representação do sonho dele, um que nunca foi dela, mas que é de sua total responsabilidade. Nesta sessão em questão aponto isso para ela:

“Quando você e o Manoel brigaram ontem, você sentiu raiva?”

“Sim”

“De quem você estava com raiva?”

“Do Mano... do pai dele. Nossa agora você foi bem no centro da questão. Mas também tem raiva do Manoel por defender ele”

Na semana seguinte, ela chega em sessão e me diz que ficou pensando nisso, e então finalmente sinto que consegui fazer algo por ela de verdade. Me sinto um pouco psicóloga.

Essa questão retorna em outros momentos. Em uma de nossas últimas sessões ela contou que foi em uma palestra a respeito de maternidade e que falaram muito sobre o vínculo da mãe com o filho. Então compreende que essa falta de vínculo com o pai impactou diretamente em sua relação com Manoel, uma vez que durante a infância dele ela buscava se ocupar e se mantinha fora de casa, por exemplo quando realizou o curso de assistente social.

Novamente busco conversar com ela sobre como em nossa sociedade existe todo esse ideal de uma maternidade e como este papel é designado às mulheres, de forma a construir um diálogo com ela que permita uma outra percepção de sua vivência. Minha intenção no momento é trabalhar com ela essa culpa, no sentido de demonstrar que não é porque ela estava trabalhando e estudando durante a infância de Manoel que o vínculo deles foi perdido e gostaria de ter explorado mais esta questão, para entender de que forma ela sente essa falta de vínculo atualmente.

Outro ponto importante é que Veneza é uma mulher parda. Sendo assim, quando ela me conta alguma situação eu busco pensar de que forma sua raça poderia ter sido atravessada por isso. Dessa forma, quando ela relata que Manoel brigou na escola e que a mãe de uma colega disse a ela que ninguém gostava dele, a primeira coisa que me veio à mente foi: Será que ele está sofrendo racismo? Não foi algo que consegui questionar para ela diretamente, não soube como fazê-lo. No entanto, incentivei ela a conversar com ele para entender melhor a situação e ela entende que ele tem amigos e não gostaria sequer de mudar de sala, o que me conforta.

Além disso, Veneza, antes de ser mãe, foi filha. As vivências que têm em relação a isso também constituem os sentidos de sua maternidade. Uma de suas principais queixas em relação a Manoel é que ele é “respondão”, o que é definidor por ela como sempre ter uma resposta para tudo, principalmente quando ela pede para ele fazer alguma coisa. Ela entende isso não somente como um confronto por parte dele, mas como uma falta de respeito. Não compreende por que ele não pode só “ficar calado” e fazer o que ela pediu.

Entendo que nesses momentos em que ela fala sobre Manoel desrespeitá-la hipotetizo que ela também está se questionando “onde foi que eu

errei?”. Quando questiono se em algum momento ela acha que isso é sua culpa ela responde que às vezes existe esse sentimento, e que ela nunca tratou os pais dela dessa forma, não respondia eles. Mas ela também entende que a personalidade de Manoel é diferente.

Veneza me relata que sempre respeitou os pais. Sempre auxiliou a mãe com os afazeres da casa sem que ela precisasse pedir. Sempre gostou muito de estudar. Trabalhou aos 16 anos em uma lavanderia, até o momento em que engravidou da primeira filha. Além disso, ela me retrata um cansaço de algo que ela trouxe em grande parte das sessões: de ser vista como chata por ele. Ela relata que a única alternativa que ela percebe é desistir de pedir para ele fazer as coisas, mas que isso implica que ela se tornaria como sua mãe se sentiu a vida inteira: sobrecarregada

Buscando um raciocínio que compreenda a construção de sua singularidade entendo que a vivência dela de adolescência foi atravessada por trabalho e responsabilidade. Fico pensando em como sensibilizar ela para um olhar mais carinhoso de Manoel e é algo que conversamos em determinada sessão: “Você ao longo da infância e da vida toda sempre esteve estudando, ajudando sua mãe. Fico pensando se esse não é um dos motivos pelo qual te estressa tanto ver o Manoel parado, por exemplo no sofá” e ela concorda. Outro ponto que trago isso tento apontar as diferenças em relação a infância da época dela e da atual, e conversamos sobre como atualmente existe uma maior possibilidade de diálogo que pode ser realizada sem faltar com o respeito.

Além disso, quando Manoel diz para ela que no futuro gostaria de se profissionalizar como jogador de futebol é algo que deixa ela receosa. Como alguém que nunca pôde “sonhar” algo para ser, Veneza não entende que ele tem somente 12 anos e que nesta idade todo mundo sonha. Ao invés disso aponta que tem medo de no futuro ele ser maltratado, e quando investigo isso entendo que se trata de um medo de ele se tornar incompetente. Questiono o que seria esse incompetente e ela me cita de exemplo um tio que não trabalha e é alcoólatra.

Em determinado dia ela me diz que Manoel é “igualzinho ao pai dele”. Como exemplo relata que ele escolhe o que comer, sendo que na família dela

isso nunca ocorreu. Além disso, diz que não quer fazer faculdade e estudar, assim como seu pai porque ele não precisou. Entendo então as etapas que construíram esse fenômeno e como ela está preocupada com o futuro dele.

A partir da compreensão de suas preocupações de forma mais aprofundada, entendendo como elas foram construídas ao longo de suas vivências nossas últimas sessões foram permeadas por conversas aprofundadas. Olha com mais carinho para Manoel, reconhecendo seus auxílios mesmo que ainda deseje ter mais. Decidiu tirar ele da natação, que ele não gostava e colocar em algo que ele tem interesse. Com relação ao futuro, parece compreender melhor a respeito de que Manoel está crescendo e que brigas na escola, desejar ser jogador de futebol, fazem parte desse processo.

Ela relata a respeito de como “desistiu” de ter a casa arrumada, afirma que a escolha que tem é arrumar o que consegue junto com seu parceiro que atualmente dá muito suporte para ela e que existem coisas mais importantes, de forma que a casa bagunçada não atua como impeditivo. Expande os assuntos: me diz sobre seu sonho de ir morar em Portugal e sobre os planejamentos para o futuro com o atual namorado para terem sua própria casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do último semestre da graduação, na primeira aula em uma de minhas últimas disciplinas, a professora nos perguntou: “Em que momento vocês se tornam psicólogos?”. A resposta óbvia seria “Quando pegamos o diploma”, mas não me parecia correta e não a satisfiz. Conversamos então sobre como nos constituímos nas relações, como o olhar do outro nos constitui.

Um dos primeiros contextos em minha vida que me senti como uma psicóloga não foi no acadêmico, mas realizando um trabalho como *freelancer* na cidade. Uma cafeteria lotada é um ambiente intenso para se trabalhar. Cada um responsável pela sua atividade, todos muito ocupados, correria e gritaria. Os funcionários realizavam um trabalho pesado, ou até leve, mas monótono e repetitivo, durante muitas horas no dia.

Lembro que em um dos dias que cheguei para trabalhar, uma das cozinheiras estava tomando café da manhã e me perguntou o que eu iria fazer

após formar. contei a respeito dos meus planos de tentar passar em algum concurso público e ela torceu o nariz, “você quer ser psicóloga do SUS?”. Não entendi, mas ela me explicou que havia ido em um psicólogo certa vez em que estava muito mal, este disse a ela só precisava relaxar.

Houve outras situações que me provocaram um profundo incômodo. Aquele quem estava na frente da preparação dos pedidos tinha um diagnóstico de autismo. Quando perguntei como foi esse processo, ele me relatou que havia descoberto depois de começar a trabalhar, pois havia apontado para ele que ele não era “normal”, foi atrás de sua família para questionar a respeito e esta lhe confirmou um diagnóstico.

Por fim, a medicalização. Em um contexto no qual você é cobrado constantemente pelos superiores, colegas, clientes com relação a saída de pedidos. Em um contexto em que você precisa manter a concentração para não errar nada na receita do café que foi pedido a 10 minutos, e já estão reclamando sobre a demora e que já é provavelmente o quinquagésimo que você faz naquela tarde. Não é de se surpreender o uso de medicamentos para suportar aquele ambiente nem quando aqueles que estão sofrendo pela mesma pressão sabem que você tem e pedem “uma gotinha”.

Essas situações compõem algumas das quais me senti psicóloga, não porque vieram me questionar o que eu pensava sobre determinada coisa, ou por estar compartilhando algum conhecimento que obtive durante esses anos na graduação. Mas por conta da forma de perceber essas situações, compreender esses indivíduos e contextos que estão inseridos.

Em diversos momentos ao longo deste trabalho, o sentimento que mostro como predominante é o de impotência. Perante a realidade social de Veneza, andando no sol escaldante, muitas vezes sentindo a dor de um cisto que estava na lista de espera do SUS para ser removido. Nada eu poderia fazer para mudar tal situação concreta. Então como eu poderia auxiliá-la?

Como dito anteriormente, a escolha da Teoria Histórico-Cultural está relacionada com o compromisso social que ela apresenta, uma vez que entende o sujeito como parte de uma realidade concreta que é desigual. E compreende o sujeito como constituído em um movimento ao longo do tempo e que está

submetido a condições sociopolíticas e culturais de acordo com a sua época. E ao compreendê-lo contextualizado, olha para esse sujeito integralmente e não para a patologia ou a queixa.

Desde o início dos atendimentos meus maiores receios eram: não conseguir atender as demandas de Veneza; não conseguir aplicar a teoria na prática. Em nossas primeiras sessões é possível perceber minha preocupação com a situação concreta que Veneza trazia: o relacionamento com seu filho.

Moreira e Souza (2022) sugerem orientadores para uma ação terapêutica que englobam: escuta atenta e empática; relação dialógica e reflexiva, reflexão com o sujeito, potencializar autonomia; construção de narrativas. Compreendo que desde as sessões iniciais tentei oferecer a Veneza um ambiente que proporcionasse todos esses aspectos. No entanto, em determinado ponto, noto que nossos diálogos acabavam por ter um enfoque somente na aparência do fenômeno maternidade, nas brigas e dificuldades que ela trazia para mim.

Dessa forma, percebo a necessidade de conhecer um pouco mais a respeito de como foi sendo feita a construção da maternidade para ela. Portanto, temos sessões voltadas para a história da própria Veneza, desde sua infância até o momento atual, perpassando pelos relacionamentos que ela teve ao longo da vida, relações familiares, entre outros.

Sendo assim, obtenho uma melhor compreensão de como Veneza entende ser mãe de Manoel, em qual contexto ela engravidou, de que forma se deu essa gravidez, o que era importante para ela na época do nascimento, o suporte que ela teve ao longo da mesma e da vida de Manoel, entre outros. Além disso, também compreendo como Veneza entende ser filha, a forma com a qual percebe que famílias devem ser: respeito e obediência aos pais acima de tudo.

A partir disso, conseguimos colocar em prática reflexões a respeito do que é ser mulher e como somos responsabilizadas pelo cuidado; de que forma as relações familiares foram modificadas ao longo do tempo; dificuldades em relação à maternidade. Conseguimos construir novas narrativas, que contribuem para um olhar de Veneza mais carinhoso em relação a Manoel e si mesma. Não mudo sua realidade concreta, mas auxílio ao proporcionar um ambiente no qual

ela é genuinamente escutada, e juntas construímos novos sentidos por meio de mediações.

Nosso trabalho tinha como objetivo narrar a respeito do processo de formação do psicólogo na clínica histórico-cultural. A relevância de tal pesquisa se justifica devido a carência de estudos na clínica histórico-cultural e a escolha do método narrativo se deu pois este permite compreender a relação dialética entre teoria e realidade, uma vez que a vivência do investigador está relacionada com o que é investigado (CUNHA, 1997).

Ao narrar a respeito do processo de atendimento de Veneza é possível perceber a forma com a qual também sou modificada. Em um primeiro momento, permaneço em um campo mais superficial, acompanho Veneza para onde ela me leva. Apesar de estar atenta a ela e dialogar na medida em que faço questionamentos e tento ampliar minha compreensão, não sinto que consigo ajudá-la, uma vez que não estou modificando sua situação real. Já em um segundo momento, conseguimos aprofundar em relação a alguns temas e a partir disso apontar contradições que ela me traz, discutimos a respeito de como ela lida com seus sentimentos e com os outros, expectativas e o que está de fato sob seu controle. A partir disso, consigo exercer melhor o papel de psicóloga segundo a Psicologia Histórico-Cultural, de mediadora para a construção de novos sentidos. Por meio de uma relação dialética, sou afetada na medida em que afeto Veneza.

Assim como todo estudo, este também possui limitações. A maior destas é uma limitação pessoal, uma insegurança daquela que ainda está aprendendo. Ao longo do processo de escrita, consigo enxergar o processo de Veneza e o meu, psicóloga em construção. Portanto, concluo com a compreensão de que o objetivo deste trabalho de narrar este movimento foi cumprido. E entendo que ele não foi finalizado na graduação, mas vai me acompanhar ao longo da atuação.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Portal Geledés*. 06 mar, 2022. Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?amp=1&gclid=CjwKCAjw1t2pBhAFEiwA_-A-NArvkv8jw0j7DPwucbT1-8FXaEWJbNxCglXIX54VCP22EITwZ_XT2BoCLTYQAvD_BwE. Acesso em: 6 nov. 2023.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J. *Déjame que te cuente*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 23, p. 185-195, 1997.

GALVÃO, Lize Borges. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. *Revista Direito e Sexualidade*, v. 1, n. 1, 2020.

KAHHALE, E. M. S. P.; MONTREOZOL, J. R. Práxis clínica:: a psicoterapia como movimento dialético ante a desigualdade sociossexual. *Psicol. rev.*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 924-941, ago. 2019 . DOI [10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p924-941](https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p924-941). Disponível em <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p924-941>. Acesso em: 06 nov. 2023.

MARQUES, Mariangela Braga. *Relação entre trabalho doméstico, fatores associados ao sofrimento psíquico e dinâmica familiar entre as mulheres donas de casa*. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. Florianópolis, 2022.

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. *Revista Intersaberes*, v. 7, n. 13, p. 8–28, 2014.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética Singular-Particular-Universal: Implicações do Método Materialista Dialético para a Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 362–371, ago. 2015.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética Singular-Particular-Universal: Implicações Do Método Materialista Dialético Para A Psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 362–371, ago. 2015.

PINO, Angel. As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. *Educação & Sociedade*, v. 39, p. 227-236, 2018.

REY, F. G. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica: uma reflexão. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007b. p. 193-214.

REY, F. G. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Thompson Learning, 2007a.

SAHAGOFF, A. Pesquisa Narrativa: Uma Metodologia Para Compreender A Experiência Humana. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://cienciasecognicao.org/cecnudcen/wp-content/uploads/2018/03/PESQUISA-NARRATIVA-UMA-METODOLOGIA.pdf>

SANTOS, R.; ROLDÃO, F. D.. A prática clínica na Psicologia Histórico-Cultural. *Anais do EVINCI - UniBrasil*, v. 4, n. 2, p. 384–397, 2018.

SARAIVA, Luis, Fernando, Oliveira. Olhares em foco: tensionando silenciamentos. In: SOUZA, B.P. (Org.). *Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1ª. ed. 2007. cap. 2, p. 59-77.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da psicologia moderna*. Cengage Learning, 2020.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. ESCRITA-EVENTO NA RADICALIDADE DA PESQUISA NARRATIVA. *Educação em*

Revista [online]. 2017, v. 33 [Acessado 22 Novembro 2023], 150044.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698150044>

Sousa, M. G. S., & de Cabral, O. C. L. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, 33(2).
<https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 244, 4 set. 2019.

VIÉGAS, L. S. Psicologia Escolar e Educacional no Brasil: a importância da autocrítica. In: Oltramari, L. C., Feitosa, L. R. C. & Gesser, M. (Orgs). *Psicologia Escolar e Educacional: Processos Educacionais e Debates Contemporâneos*. Florianópolis, SC/BR: Edições do Bosque, 2020. cap. 1, p. 14-32.

VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas – IV*. Madri: A. Machado Libros, 2006.